Francisco de Andrade Barroso
(Valmir)

Os ANDRADES,

de Goiana-PE a Maranguape-CE.

Oito gerações.

(Crônicas; genealogias e memórias).

– 1ª Edição: 1990 –
– 2ª Edição: 2019 –

O Autor:

Francisco Andrade Barroso – Valmir Andrade

Endereço:
Rua Solon Pinheiro, 1540 – Bairro de Fátima.
Fortaleza – Ceará

CEP: *60.050-145*

Telefone: *+55 (85) 3231.8838*

O Coautor:

Raimundo Orlando de Andrade Correia Filho – Orlando Andrade

Endereço:
Rua 17b, 28 – Conjunto Industrial.
Fortaleza – Ceará

CEP: *61.925-430*

Telefones:
+55 (85) 9 8945.8663
+55 (85) 9 9785.6585
E-mails:
raiorland@hotmail.com
navorlandoandrade@gmail.com

Em memória
da minha mãe,
do meu avô,
do meu sogro,



Francisco (Valmir) Andrade Barroso
Autor desta Obra Genealógica

Dedicado
à minha mulher,
aos meus filhos,
aos meus netos.

Em agradecimento

Especial a Deus, pelo dom inestimável da vida;
Aos nossos ancestrais, pelos esforços de crescer e multiplicar;
Ao autor Francisco Barroso Andrade, pelo empenho a esta obra;
Aos nossos descendentes, por honrarem essa genealogia.

Em memória da Ancestralidade Andrade

Do patriarcado e matriarcado Andrade;
De todas as gerações póstumas;
De Francisco Barroso Andrade;
Por fim,
De nossa própria família, para que ao partirmos desta vida,
Sejamos lembrados como galhos frutíferos desta frondosa árvore,
Os ANDRADES.

Dedicado como marco histórico...

Aos Andrades em todas as suas gerações vindouras;
E a todos,
Que tiverem a sorte, o prazer e o orgulho,
De ser, de se achar, ou se tornar, um verdadeiro
Andrade.



Raimundo Orlando de Andrade Correia Filho
Coautor desta Obra Genealógica.

Sumário

Palavra do Coautor 9
O Brasão dos ANDRADES 11
I. Os ANDRADES: Origens, ramificações, notabilidades 13
II. Goiana e os Vidais de Negreiros 19
III. O Primeiro Andrade que veio ao Ceará 25
IV. O Andrade que matou o cunhado 31
V. Das 3ª e 4ª gerações: filhos e netos de Matias e Clara 39
VI. Os parentes que ficaram na região de Uruburetama 49
VII. Raimundo de Andrade Lima, Expoente da 3ª Geração. 65
VIII. Maranguape Urbano e Maranguape Sertão 73
IX. Registro Civil de outrora, Nomes Próprios, Livros Paroquiais. 81
X. Manuel de Araújo Câmara, O tronco dos Moreiras de Andrade. 87
XI. José de Andrade Bonfim: Os Andrades da Torre e do Jacú. 101
XII. Seis Ramos que Feneceram 119
XIII. Joaquim José de Andrade: Os Vieiras, Damascenos, Dinizes; Os Andrades da Umarizeira, do Amanari, da Serra, Etc. 127
XIV. Os Sampaios (de Andrade) da Uruburetama e da Palmácia. 171
XV. A Palmeira do "Queiroz". Queirozes e Ribeiro-Campos de (Andrade). 193
XVI. Os Bonfins (de Andrade) de Redenção e Acarape. 213
XVII. Raimundo Francisco de Andrade: Cantor e Boêmio. 245
XVIII. Vicente de Andrade Lima – Andrades do Serrote do Mocozal. 261
XIX. "Seu" Chicute de Andrade, do Mocozal. 295
XX. Resumo, as Novas Gerações, o Futuro. 309

Palavra do Coautor

É com muito prazer e orgulho que inicio hoje, dia ***09.05.2016***, o ardoroso, porém gratificante, trabalho de dar continuidade ao trabalho do valoroso "***Francisco de Andrade Barroso***", que não mediu esforços, em buscar, procurar, indo de cartório em cartório, de paróquia em paróquia, para por fim, no ano de 1990, a nós entregar seu valoroso e honrado trabalho.

Deus, protetor fiel desta família, me presenteou no dia ***07.05.2016*** com o prazer imensurável de conhecer mais uma descendente do clã dos ANDRADES, senhora "***Raimunda Marques de Andrade***", que gentilmente, no dia seguinte, me cedeu seu exemplar de "***Os ANDRADES, de Goiana a Maranguape, oito gerações***", para que eu "***Raimundo Orlando de Andrade Correia Filho***" pudesse encontrar minha linhagem, minha ramificação, em meio ao emaranhado genealógico que formou e forma essa frondosa família, da qual tenho orgulho de pertencer e o prazer de participar desta valorosa história.

Não o é todo dia, que temos o prazer de conhecer e vislumbrar o nome daqueles que nos emprestaram seus genes, para que hoje pudéssemos ter em nós mesmos um DNA ímpar, composto de fragmentos destes memoráveis seres, que sabemos, não foram perfeitos, como nós mesmos não o somos, mas que contribuíram para que hoje sejamos, dentre muitas famílias que nos presentearam com suas ascendências, simplesmente ANDRADES.

Que esse trabalho sirva para avivar em nossas mentes, os muitos caminhos traçados por nossos patriarcas e matriarcas, nos pondo em nossos próprios caminhos, cabendo a nós sermos atores e plateia de nossos próprios erros e acertos.

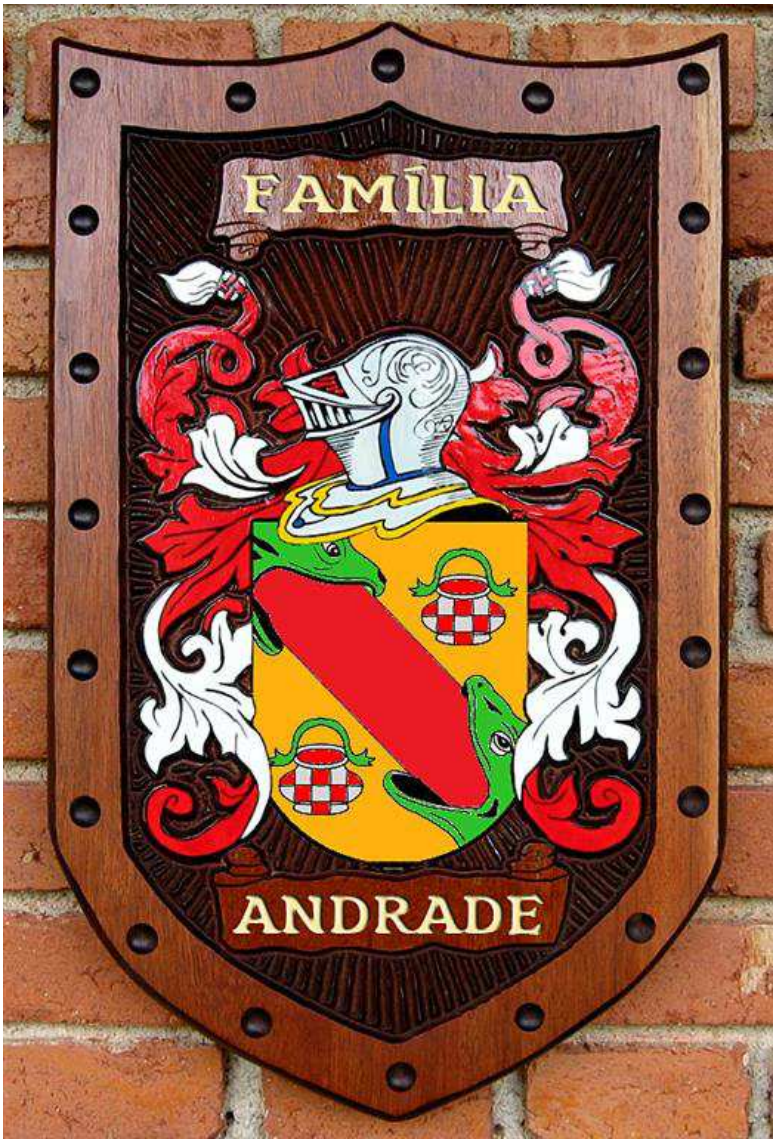
Que ainda nossos descendentes, não venham a esquecer de suas origens, dos ensinamentos patriarcais desta família, do Deus a qual confessamos e que têm nos guardado, nos protegido e usado de misericórdia, aos milhares de nossos antepassados e de nossos descendentes.

Para Deus, seja dada toda honra; toda glória e todo o louvor; por esta família que tem traços do povo escolhido de Deus, os Judeus e Israelitas, da qual podemos e temos o direito de o sermos chamados (através dos "*ANDRADES*") descendência de Davi.

Então, como linhagem de Davi, servo do Altíssimo Deus, sinta-se a vontade para afirmar a sua fé através destas singelas palavras: *Senhor Jesus, eu te aceito como o meu único e suficiente salvador, de minha alma, afirmo que através do teu sacrifício de morte na cruz do Calvário Tu mo deste acesso ao trono do Pai, dessa forma, apaga o meu nome do livro da culpa e escreve-o no Teu Livro da Vida, assim, partindo Tu para estares ao lado do Trono de Deus, mo deste o Espírito Santo de Deus como meu consolador, ensina-me o Teu caminhar, para ao findar desta vida eu possa estar contigo, na Glória do Pai. Amém.*

O Brasão dos ANDRADES

O brasão da família Andrade é basicamente constituído de uma faixa de vermelho que sai da boca de duas serpentes. O fundo é de cor amarela com um símbolo dos dois lados da faixa que fica na transversal, como pode ser visto na imagem.



No Brasil existem alguns sobrenomes que são mais populares que os outros. É certo de que alguns são muito específicos, o que não ocorre com o da família Andrade.

O sobrenome Andrade, assim como tantos outros, não surgiu no Brasil, por uma simples razão de que o Brasil foi colonizado e habitado primeiramente por estrangeiros. Dessa forma, os sobrenomes vêm de outros países e acabam ganhando popularidade uma vez que os imigrantes fizeram do Brasil sua nova morada.

I. Os ANDRADES: Origens, ramificações, notabilidades.

É aos gauleses ou celtas, povos arianos que dominaram o ocidente europeu, assinalando sua passagem tanto na Escandinávia como no coração do continente e nas penínsulas meridionais, e ameaçando, por um instante, a sobrevivência e progresso de Roma, que se devem os topônimos de várias regiões do Velho Mundo:

- ✓ ***Gálias ou Gália*** *era a antiga França, anexada paulatinamente pela potência romana, impelida pela espada fulgurante de César;*
- ✓ ***Gales****, o é o cantinho da Grã-Bretanha onde os primitivos habitantes puderam conservar hábitos e cultura por mais tempo, face às usurpações de renovados invasores;*
- ✓ ***Galícia*** *foi um território situado entre o faustoso Império Austríaco, a inquieta e esbulhada Polônia e o nascente vigor da Prússia, que o disputaram arduamente;*
- ✓ ***Galácia****, a terra dos gálatas, guerreiros invictos que, numa excursão fulminante, instalaram-se no centro da Ásia Menor, e, cristianizados, foram destinatários de uma epístola de São Paulo;*
- ✓ *Finalmente, a* ***Galiza*** *é, ainda hoje, a província a noroeste da Espanha, separada de Portugal pelo Rio Minho, celebrizada na Idade Média pela romaria a Sant'iago de Compostela e conhecida dos escolares pela peculiaridade das rias – profundos recortes no seu litoral.*

Conquistada também a Ibéria pela legiões romanas, e pacificados a custo os seus aguerridos moradores, uma divisão adotada na época de Augusto estabelecia o rio Douro como limite entre Galécia e a Lusitânia. Sobrevindo os bárbaros e a derrocada dos latinos, forma os suevos que se acomodaram naquele ângulo, constituindo um reino que chegava até o Tejo e sobreviveu menos de 200 anos, sendo, em 586 da era Cristã, incorporado à monarquia visigótica, nessa ocasião o mais poderoso herdeiro germânico das tradições e organização de Roma.

Os árabes, em sua espantosa expansão, superando Roderico no Crisus e engolfando a Espanha no domínio mulçumano, rapidamente chegaram àquelas plagas, cometendo as habituais depredações e saque, mas foram contidos pelos cristãos de Pelágio, Duque de Astúrias e fundador do novo Reino de Oviedo. As vitórias e crescimento posteriores fizeram deste o Reino de Leão e, mais para frente, o de Castela, mas nas lutas octocentenárias, que se seguiram, os moslemitas sempre chamaram os príncipes ibéricos de Emires de Djalikia – ou Reis da Galiza, conforme salientou Alexandre Herculano, em uma das suas obras monumentais.

Havendo Henrique de Borgonha auxiliado corajosamente o rei Afonso VI, de Leão, na luta contra os invasores pagãos, este lhe concedeu a investidura de "***Condado de Portucale***", com a mão de sua filha, D. Teresa.

O reino de Leão, por essa época, mal configurava os limites do antigo domínio dos suevos, tendo, no máximo, alcançado os contornos da remota Galécia Romana; até Douro, subindo-o em toda a sua extensão.

Henrique, fidalgo francês, tanto procurou alargar-se em detrimento dos sarracenos, como tentou libertar-se da tutela e soberania do sogro, reunindo ao seu feudo o condado de Coimbra, com o que teve autoridade sobre todo o atual norte de Portugal.

Sua viúva, D. Teresa, também quis ser rainha como sua irmã, D. Urraca, herdeira de Afonso VI, cada com Raimundo de Borgonha, mas fazia suas traças em conluio com os condes de Trava e Transtamara, nobre galegos, com um dos quais casou. Porém Afonso Henriques (em Leão reinava Afonso Raimundes), chegando à maioridade, afugentou os aliados da rainha-mãe, não se constrangeu de encarcerá-la e recusou submissão aos leoneses, que foram forçados, por fim, a reconhecer-lhe a desejada autonomia; esse foi o princípio da nação portuguesa, destinada a desvendar os segredos do "*Mar Oceano*" e trazer ao convívio da civilização tantas terras e tantos povos.

Essa digressão tem o propósito de salientar o significado da naturalidade galega, quer na história da humanidade, quer na fundação e seguinte desenvolvimento do Reino de Portugal, quer na genealogia dos ANDRADES. Não era sem razão que nossos ancestrais apelidavam de galegos muitos dos estrangeiros que viam aportar à nossa pátria, pois que realmente o eram, por nascimento ou ascendência, muitos dos migrantes aqui chegados com a descoberta e colonização; porém essa não poderia ser qualificação pejorativa, já que a Galiza é terra honrada e gloriosa, matriz de muitos dos nossos maiores heróis.

Como se vou, a monarquia de Leão ou de Oviedo (essas cidades espanholas ficam próximas às raias da Galiza atual, dentro da área ocupada pela antiga Galécia) era, praticamente, galega e D. Afonso Henriques, expulsando o Conde da Trava e seus apaniguados, conservou a seu serviço muitos nobres e homens de prol originários daquela região.

A seguir houve intercâmbio constante entre essas províncias vizinhas, tanto em tempo de paz com de guerras, como por casamentos e alianças. Refugiaram-se portugueses em Castela – até irmãos do Condestável, Nuno Álvares Pereira – e transferiram-se muitos galegos para a nação limítrofe, vezes seguidas.

Assim ocorreu com muitos ANDRADES, inicialmente súditos do rei de Leão e, possivelmente, descendentes de guerreiros francos – como os primeiro reis de Portugal – vindos em auxílio na constante campanha da reconquista, recompensados por sua bravura com honras e terras.

Consta que nas proximidades de La Corunã, um dos bons portos da Galiza, e de Ferrol Del Caudillo, terra natal do generalíssimo Franco – aliás, Francisco Franco y Bahamonde, filo de D. Pilar Bahamonde Pardo de Andrade – fica a vila de Andrade, com seu castelo secular, feudo concedido por Henrique II de Castela ao seu valido Fernão Peres de Andrade, feito Conde de Vilalba.

Descendente deste, Nuno Freire de Andrade, Comendador da Ordem de Sant'iago, foi chefe da família lá pelo século XIII, tendo deixado imensa prole na Espanha. Já nessa época notava-se o entrelaçamento com os Freires, ao ponto de considerarem-se, as duas, uma só família, ora designada pelos dois nomes, ora por um só.

Esse grupo familiar teve muitos expoentes portugueses, destacando-se no século XIV, Rui Freire de Andrade e seus filhos, Nuno Rodrigues de Andrade, que veio a ser Mestre da Ordem de Cristo – uma das mais altas dignidades lusas – e Vasco Freire. Este Nuno, através de seu filho Rui Freire de Andrade, legitimado por carta de 12.09.1361, foi antepassado de Pedro Álvares de Cabral, o descobridor do Brasil, neto de Fernando Álvares de Cabral e de D. Teresa de Novais Andrade.

Os ANDRADES se radicaram, inicialmente, em Marco de Canavezes, no bispado do Porto, mas vieram a ter grandes posses na Ilha da Madeira, no local denominado Arco da Calheta, por doação real a João Fernandes de Andrade e a seu irmão, Diogo, como prêmio pelos seus heroicos feitos na campanha do norte da África, contra os mouros.

Aliás, foi Miguel Leitão de Andrade, nascido em Pedrógão Grande, em 1553, combatente ferido e aprisionado na fatal batalha de Alcácer-Quibir, de onde só voltou em 1580, quem primeiro mandou notícias dessa tristíssima derrota e da morte de D. Sebastião, em carta ao seu irmão, padre.



A heráldica registra dois escudos comprobatórios da fidalguia desses ANDRADES históricos. O primeiro, mais venerável e remoto, exibe o dístico: Ave Maria, Gratia Plena, e, em campo de ouro, duas cabeças de serpente, em verde, encarando-se em diagonal. O outro, que teria sido concedido a João Fernandes de Andrade, também chamado Fernandes de Arco, por D. João II, em carta de 28.11.1485, é também dourado, com a figura de um centauro sagitário (ou seja, atirando setas), sendo a metade home de cor natural da carne e a metade cavalo em negro, com o arco formado por dois filetes de prata e vermelho, a corda em prata e o ferro em negro, tudo no melhor estilo romântico.

Os Freires de Andrade exerceram altos cargos em Portugal e também no Brasil, convindo lembrar, aqui, o primeiro Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade, que teve sobe o governo o Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, por muitos anos, merecendo de Pedro Calmon o seguinte elogio: "*Poucas figuras no Brasil colonial têm a importância histórica – e a massa de serviços – de Gomes de Freire de Andrade, nomeado em 25.04.1733 Capitão General e Governador do Rio de Janeiro, cargo em que morreu 30 anos depois*".

Foram seus tios outro do mesmo nome, Governador do Maranhão em 1685, e os irmãos Henrique José Freire de Andrade, José Antônio Freire de Andrade e Ambrósio Freire de Andrade, todos eles administradores notáveis. Este último foi ascendente do General Gomes Freire de Andrade, combatente das campanhas napoleônicas e herói da revolução liberal portuguesa do tempo de D. João VI, falecido em 18.10.1817, no Forte de São Julião, perto de Cascais.

Já em data passada, na divisão das Capitanias Hereditárias, tivemos um representante dessa família na pessoa de Fernão Álvares de Andrade, associado a João de Barros, Aires da Cunha e Antônio Cardoso de Barros na tentativa de colonização das regiões ao norte de Pernambuco.

Este "*era fidalgo, escrivão da Casa das Índias, tinha fazendas em Ilhéus, navios na carreira de ultramar e vastos créditos no reino*" (Pedro Calmon, História do Brasil), descendia dos Condes d'Andrade, da Galiza, e seu filho, Diogo Paiva de Andrade, representou a monarquia portuguesa no célebre "*Concílio de Trento*", que funcionou de 1545 a 1563, num esforço para purificar a Igreja Católica, abalada pela Reforma Protestante.

Posteriormente, Francisco Berenguer de Andrade, da ilha da Madeira, sogro de João Fernandes Vieira, um dos líderes da Insurreição Pernambucana contra holandeses, teve o posto de Capitão-Mor e seus quatros filhos obtiveram sesmarias no Ceará, em 12.05.1681, ao é da Serra da Tapetama (provavelmente a serra do Apodi) até os limites com o Rio Grande do Norte.

Augustinho César Andrade era Capitão-Mor do Rio Grande quando da grande revolta indígena começada em 1687 nos sertões de Açú, tão prejudicial à fixação dos colonos brancos do nordeste e que só foi vencida com a ação dos Mestres de Campo paulistas. Nessa campanha teve destaque o segundo Francisco Berenguer, possuidor de terra na área conflagrada.

A cerca dos Andradas, José de Bonifácio e seus ilustres irmãos, é supérfluo rememorar suas existências e a relevância dos seus serviços à nação, assim como é dispensável referir quantos ANDRADES encontram-se em quase todos os estados do Brasil.

Por exemplo, localizei em Amargosa, no interior da Bahia, uma família que tem vários ANTÔNIOS FRANCISCOS de Andrade, exatamente como a nossa, aqui do Ceará! Aliás, o primeiro candidato ao governador dessa unidade da federação, em 1982, era Cleriston Andrade, falecido tragicamente em desastre aviatório, no decorrer da campanha eleitoral, e cujo nome foi eternizado em monumento construído em Salvador por Antônio Carlos Magalhães.

Carlos Drummond de Andrade, o "*Poeta Maior*", recentemente falecido, fez relembrarem, em Itabira, as tradições dessa família, bastante numerosa em Minas Gerais. Figurais polêmicos, relativamente notórios e destacados em seus círculos de atividades, residentes em São Paulo e no Rio de Janeiro, usando o mesmo sobrenome, são: o sindicalista Joaquinzão – Joaquim dos Santos Andrade, que disputava com Lula a liderança do movimento trabalhista, e do bicheiro Castor de Andrade, protetor de clubes esportivos e carnavalescos.

No Ceará temos tanto figuras do passado como nosso patronímico, como representantes atuais de várias profissões e condições sociais. O coronel Pessoa Anta, executado no Passeio Público por sua participação na Confederação do Equador, chamava-se João de Andrade Pessoa, tendo nascido na Vila de Granja, em 23.12.1787.

Seu pai, Tomás Antônio de Andrade, foi capitão de Ordenanças, natural de Ribaçal, no Bispado de Coimbra, sendo sua mãe, Francisca Maria de Jesus, granjense. São conhecidos seus avôs, o notório Feliciano Pessoa de Andrade e dona Maria Teresa de Macêdo, não se sabendo de algum vínculo com aqueles notáveis e fidalgos, "*ANDRADES*". Ele adotou, como muitos outros patriotas da época o nome Anta numa demonstração de nativismo.

Teve dez irmãos, entre eles o futuro senador Francisco de Paula Pessoa, que veio a ter imenso prestígio e é o tronco da conceituada família desse sobrenome; também deixou quatro filhos legítimos e quatro extraconjugais, uns perpetuando seu apelido e outros deixando de usá-lo.

Talvez provenham dessa fonte os numerosos ANDRADES da região norte do Ceará, em Sobral, Acaraú e adjacências, porém não encontrei quem me dessem melhores informações sobre suas origens.

Pais de Andrade (o mesmo nome do secretário e um dos principais mentores da Confederação do Equador, em Pernambuco), digno representante do Ceará e, em 1990, Presidente da Câmara dos Deputados. Seu irmão, o intelectual e respeitável professor Dr. Francisco Alves de Andrade, de Mombaça, descendentes de um sergipano que se trasladou para Inhamuns, não são, talvez, estranhos à nossa família.

Outro político cearense que traz esse nome, embora não o use comumente, é o ex-governador Dr. Manuel de Andrade Castro Filho, de Morada Nova; vários municípios da zona jaguaribana são origem de muitos ANDRADES, cujas raízes podem remontar ao Rio Grande do Norte – quem sabe podendo chegar a Berenguer e à dona Maria César, esposa de João Fernandes Vieira, e sem, para honra nossa, nossos parentes.

Um grupo familiar que sempre julguei muito próximo do nosso é o dos ANDRADES de Leiria (chamemo-los assim), por sabê-lo possuidor de um sítio – o São Gerônimo – situado aproximadamente no vale maranguapense, porém o Dr. Carlos Maria desenganou-me, ao contar o resultado das suas pesquisas. Seu bisavô, José Vicente de Andrade, era Leiria, cidade portuguesa próxima a Lisboa, e acrescentou ao seu o nome da sua terra. Um filho deste, Joaquim José de Andrade, também nascido em Leiria, em 1847, emigrou para o Brasil, fixando-se inicialmente em Vitória, onde sentou praça.

Serviu na guerra do Paraguai, em Canudos, e terminou por estabelecer-se em Fortaleza, já como Major, vindo a falecer em 19.04.1898, aqui. Teve filhos ilustres e conhecidos: General José Joaquim de Andrade, Capitão Paulo de Melo Andrade, médicos Joaquim José de Andrade Filho e João Cesário de Andrade, professores Dr. Benedito Sudá de Andrade e Dr. Manuel Leiria de Andrade, além de duas filhas: Almerinda de Melo Andrade e Ana Joaquina de Andrade. Dona Almerinda veio a casar com o Dr. José Maria de Sales Andrade Filho, Hexaneto do patriarca da nossa família, que virá a ser apresentado no capítulo que dedicarei aos BONFINS de Andrade. O Dr. Carlos Maria Monteiro de Andrade era filho do Dr. Manuel Leiria.

Os Macieis de Andrade, de Quixeramobim e Canindé, os Camelos de Andrade, antigos, da ribeira do São Gonçalo e proximidades: uns da família Ferreira de Andrade que aparecem, também nos registros antigos, não os pude, vinculá-los ao nosso grupo comum.

Quantos outros se espalham pelos diversos municípios do Ceará, ou convergem para a capital, quando já não se transferiram para o Sul ou Norte do País! Quantos, também, já não usam o sobrenome Andrade e descendem, diretamente, dos patriarcas que irei apresentar!

No passado distante ou nos tempos de agora, em terras ibéricas ou portuguesas, no Brasil de outrora, na colonização, na administração da nova terra, nos movimentos nativistas, participando do desenvolvimento e progresso do nosso povo.

Atualmente, fixados, nos mais diversos pontos do território nacional, em profissões destacadas, nobilitados ou fidalgos, altos oficiais e dignatários, prestigiosos e abastados ou bem mais modestos, pobres e incultos, é incontável a bravura dos ANDRADES, pouco ou nada conhecedores da sua genealogia, orgulhosos da sua prosápia ou simplesmente indiferentes à linha ascendente dos seus antepassados, que se fazem presentes no quotidiano, preenchem suas quotas no esforço pela sobrevivência da humanidade e concorrem para a superveniência de um mundo melhor.

Talvez possamos nós, os ANDRADES, sobre os quais vou falar e escrever, revestir-nos de uma parcela, pequena que seja, desses galardões e importância, porém, lamento dizê-lo, não identifiquei, nas pesquisas a que procedi – limitadas pela minha inexperiência e pela falta de registros – comprovação da nossa ligação objetiva com tão ilustradas personagens, como se verá no prosseguimento deste!

II. Goiana e os Vidais de Negreiros.

As capitanias hereditárias, criadas em 1534 por D. João III, para impulsionar a ocupação e colonização das terras do Brasil, recém-descobertas, não tiveram correspondência com os limites dos nossos atuais Estados da Federação, embora tenham dado surgimento a alguns deles.

No norte, a capitania de Duarte Coelho, denominada Pernambuco, começava bem além do São Francisco e distanciava-se do Rio Paraíba; Pero Lopes de Souza teve sua donataria dividida em várias faixas, com menor largura, sendo uma nas duas margens daquele último rio, ocupando o norte de Pernambuco de Hoje e a quase totalidade da Paraíba, com o nome de Capitania de Itamaracá.

Todo o território setentrional foi distribuído a João de Barros, Aires da Cunha, Antônio Cardoso de Barros e Fernão Álvares de Andrade, em empreitada que alguns historiadores consideram solidária, e que resultou improfícua, apesar dos esforços dos sócios.

A zona da mata revelou-se propícia a cultura da cana-de-açúcar, o que trouxe prosperidade à Olinda e Goiana, entre outras localidades, sendo aquela o principal centro da Capitania de Pernambuco e esta – notável, inicialmente, por uma grande feira regional – o da vizinha do norte, Itamaracá.

Vencidos os primitivos habitantes da terra, começaram a surgir os engenhos e a ser exportado para a Europa o seu doce produto. Na Capitania de Itamaracá existiam outras pequenas vilas, mas Goiana concentrou em si as funções de residência urbana dos grandes proprietários circunvizinhos e de porto de entrada e saída de mercadorias, que em Pernambuco foram divididas entre Olinda e Recife.

Em 1970 os goianenses comemoraram o quarto centenário da sua cidade, mas seus historiadores são unânimes em reconhecer que não se conhece um ato, datado de 1570 ou de outro ano, criando, reconhecendo ou estabelecendo a condição de aldeia, vila ou outra para sua sede.

Conhecida inicialmente como povoação de Capivaí ou do Capibaribe, e citada como "*heroica cidade de São Pedro*" (embora sua padroeira seja Nossa Senhora do Rosário). Goiana tem nome indígena, escrito anteriormente "*Gueena*" ou "*Goiana*", querendo dizer "*gente estimada*", segundo Varnhagen, ou "*aliados parentes*", conforme Batista Caetano.

A cidade não fica propriamente à margem do rio do mesmo nome, mas entre dois braços do Capibaribe-Mirim, que, com o Tracunhaém, são os formadores daquele.

Relacionando-se, evidentemente, com o regime de chuvas e a contínua cobertura vegetal existente antes da colonização, os rios da região eram permanentes, e isso permitia que Goiana (cidade situada a muitos quilômetros do mar) pudesse manter um porto de notável movimentação, naturalmente na base dos barcos de pequena tonelagem de então.

Quem primeiro obteve sesmarias no próprio local onde hoje fica a cidade foi André Fernandes Velasques, em dezembro de 1569, no lugar onde foi fundado, e existiu por inúmeros anos, o Engenho Itapirema, depois dividido em Itapirema de Cima e Itapirema de Baixo.

O segundo sesmeiro foi João Dourado, e só em 01.12.1570 chegou à vez de Diogo Dias, por vezes citado como fundador e primeiro povoador branco de Goiana.

Hoje, quando se avista a cidade, seis quilômetros após a divisa da Paraíba, tem-se à direita a Usina Nossa Senhora das Maravilhas, na posição exata onde funcionou o engenho de Diogo Dias. Este teve morte trágica, quando os índios da Paraíba, vingando seus irmãos desapropriados e mortos, invadiram o engenho e massacraram todos os seus moradores.

Um único filho de Diogo Dias, que se encontrava ausente nessa ocasião, procurou depois, reanimar a empresa através de uma associação, mas os indígenas voltaram a atacar, impossibilitando, naquele momento, o cultivo das terras e fabricação de açúcar.

Em 1763, José de Góes e Morais, último herdeiro de Pero Lopes de Souza e então dono da Capitania de Itamaracá, consentiu no retorno da administração dessa capitania à Coroa Portuguesa, sendo indenizado em 40.000 cruzados; é que, desde muito, ocorrera uma mudança nos planos reais, por ter sido constatada a inviabilidade das Capitanias – o Rei resolvera passar a administrar toda a colônia, através de Governadores ou Vice-Reis.

Sucedeu, então, que dois terços da antiga Itamaracá foram anexados à Capitania Real da Paraíba do Norte, enquanto Goiana e Igaraçu ficavam em Pernambuco, de cuja história passou a fazer parte.

Já a essa altura estavam alevantados alguns dos monumentos que hoje relembram a Goiana fidalga e orgulhosa dos seus bens e progresso: Convento de Santo Alberto e Igreja de Nossa Senhora do Carmo, n.1666, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, dos Pretos, n.1682, Misericórdia, 1722, Soledade (onde hoje fica o Museu de Artes Sacras), 1722, etc.

Em 1861, quando foi construída a notável Igreja Matriz, eram oito igrejas antigas, sem contar a dos Martírios, já desaparecida.

O cruzeiro de pedra, no adro do Convento dos Carmelitas, é um dos mais bonitos conhecidos – o mais bonito, dizem os goianenses!

Mesmo com a invasão holandesa não decaiu a riqueza de Goiana, embora estes houvessem confiscado vários engenhos próximos: Bujarí, Mariuna, Jacaré, Goiana Grande, dentre outros.

Foi quando surgiu em cena André Vidal de Negreiros, filho de um artesão (artífice, como se dizia), Francisco Vidal, natural de Santarém, e de Catarina Ferreira, vinda da Ilha de São Miguel.

Seu pai chegou a possuir terras, que o filho devastou, assim como fez Fernandes Vieira com seus canaviais, em algumas das campanhas contra os invasores; mas André Vidal se tornou figura exponencial em Goiana (e, também, em Olinda), especialmente após a expulsão dos batavos.

Ele nascera na Paraíba, sem que se saiba em qual data, todavia aproximada de 1600, sabendo-se que sentou praça em 1624.

Foi o cérebro da resistência aos estrangeiros, constituindo-se no elemento catalisador de toda aquela gama de patriotas, tão descantados e conhecidos de todos. João Fernandes Vieira – da Ilha da Madeira, casado com uma Andrade, D. Maria César, filha do primeiro Berenguer – estava acomodado, tendo, inclusive,

lucrado muito nos negócios com os ádvenas e chegado a grande abastança, porém rendeu-se aos argumentos de Vidal, alistando-se na campanha e em muito contribuindo para a vitória final. Um dos grandes historiadores brasileiros, Veiga Cabral, diz, textualmente, em sua obra: "*Vidal foi paraibano nobre e desinteressado, oficial da guarnição da Bahia, em grande parte responsável pela adesão à causa dos insurgentes de outros grandes próceres*".

Ocorrendo a restauração da coroa portuguesa, ele esteve em Lisboa, já com os títulos de Mestre de Campo e Tenente-General, acompanhando D. Antônio Teles de Souza, 19º Governador do Estado do Brasil; ali obteve do rei a promessa da sua nomeação para a administração do Maranhão, logo que ocorresse sua libertação.

Com efeito, completando-se a retirada dos holandeses, provocada inicialmente pelo levante de Antônio Muniz Marreiro, tomando, em 30.10.1642, o Forte do Calvário, na barra do Rio Itapecurú, foi André de Vidal elevado a Governador do Estado do Maranhão, entidade criada em 1621 por Felipe IV da Espanha (III de Portugal) e, depois, reconstituída pela resolução régia portuguesa de 25.08.1625, abrangendo as antigas Capitanias do Ceará, Piauí, Maranhão e Grão Pará, completamente independente do Estado do Brasil.

Esteve nessa magistratura até 1656, tendo sido um grande apoio para os jesuítas, na defesa do direito à sobrevivência e liberdade dos indígenas, atividade humanitária na qual se distinguiu o Padre Vieira, vítima exatamente do movimento dos fazendeiros maranhenses, capitaneados por Manuel Beckman, posterior à morte de D. João IV e à saída de Vidal, protetores de Vieira e da Companhia de Jesus.

Vidal foi, em seguida, Capitão-Mor de Pernambuco, até 1661, e outra vez, em 1667, transitoriamente, quando da deposição de Jerônimo de Mendonça Furtado. Ainda foi Governador de Angola, tendo sido nobilitado e coberto de honrarias pelas autoridades portuguesas. Foi ele quem criou as condições para a fundação do Convento das Carmelitas de Goiana, que funciona até hoje, embora apenas com dois frades, sendo um leigo. O Patrimônio Histórico tombou a Igreja e o Convento – assim como todas as outras igrejas de Goiana – mas não cuida da conservação ou recuperação de tão valioso acervo!

André Vidal arrematou propriedades anteriormente confiscadas pelos holandeses ou abandonadas por seus donos, e veio a ser um dos grandes usineiros da época. Não havendo contraído matrimônio, adotou uma filha, reconhecida e legitimada, chamada Catarina Vidal de Negreiros, com o engenho Jacaré, nas margens do Capibaribe-Mirim; o esposo desta foi Diogo Cavalcante Albuquerque, chamado em outras ocasiões Diogo Dias Lobo e Diogo Alves Lobo. Foi autor desses esclarecimentos, inclusive de que o casal não chegou a ter filhos, o historiador Borges da Fonseca, na sua notável "*Nobiliarquia Pernambucana*", onde acrescentou que o Albuquerque, de família tradicional, foi atraído pelo dote.

Ao morrer, em 03.02.1680, o nosso herói deixou testamento (datado de 12.05.1670), pelo qual os imensos bens reunidos no que ele chamara de Engenho Novo de Santo Antônio de Goiana passaram a integrar um legado, vinculado a Nossa Senhora do Desterro, que veio a ser padroeira da futura cidade de També.

Eram 10 léguas de extensão por 05 léguas de largura, de boas terras, casas, cobres, fábricas, escravos e bois, que ficaram sendo (mal) administrados pelos padres, e onde hoje existem vários municípios do nordeste pernambucano.

André Vidal reconhecera outro filho, Matias Vidal de Negreiros, também senhor de engenho e militar, tendo alcançado o posto de Sargento-Mor; este participou das ações bélicas de então, tendo estado, por exemplo, no Rio Grande no Norte, quando da "***Guerra dos Bárbaros***". Aquele grande levante dos índios da região Piranhas-Jaguaribe, que ameaçou a colonização lusa e foi levado a ferro e fogo, deixando como episódio dantesco, no Ceará, o horrível massacre dos Paiacús, aldeados e mansos sob a guarda de padres, pelo Mestre de Campo Morais Navarro.

Matias Vidal representou contra a forma como se conduziu Agostinho César de Andrade, Capitão-Mor do Rio Grande, para com os índios pacificados, mais expressamente contra a escravização das famílias dos que foram recrutados para a luta contra seus irmãos bravios.

Morto André Vidal, seu filho reclamou, perante o Rei de Portugal, o direito de administrar o legado feito a Nossa Senhora do Desterro, referindo à dilapidação que vinha ocorrendo, e os excessos, pois que até o túmulo do herói, na Capela do Engenho Novo, havia sido violado para que se retirassem as esporas e outros ornatos de prata com que havia sido inumado! Mas não teve êxito nessa pretensão!

Depois o Sargento-Mor envolveu-se na Guerra dos Mascates, revolta dos primeiros colonizadores contra os novos imigrantes. Numa colina (*dominando a foz dos rios Capibaribe e Beberibe e avistando tão belo panorama que fez dar a localidade o nome de Olinda*) residiam os descendentes dos primeiros brancos ali chegados, senhores de terra, portugueses todos, de nascimento ou por ascendência próxima, constituindo a nobreza da terra, ligados ao novo continente, cuja fertilidade e amplitude lhes abriram as portas da riqueza e liberdade.

Nos baixios e mangues do Recife vieram a estabelecerem-se novos colonos, alguns portadores de sangue hebreu, convertidos de bom ou a contragosto ao cristianismo, marcados pela denominação de cristãos-novos. Eram operosos e modestos e, como as terras já estavam ocupadas, dedicaram-se ao comércio e a usura. Adiantavam dinheiro e utilidades aos usineiros recebendo, em paga, o açúcar produzido.

Mas as despesas das famílias nobres cresciam a par das suas pretensões, enquanto o preço do açúcar reduzia-se em consequência do aumento da produção, e chegou o dia em que os proprietários ficaram permanentemente endividados para com os recifenses.

Espicaçados por essa situação de inferioridade econômica e estando feridos em seus brios pela criação da Vila do Recife. Os olindenses invadiram aquela nascente-povoação e destruíram o pelourinho, expulsando o Governador Sebastião de Castro Caldas, objeto de sua particular amizade.

Isso ocorreu em 1710, e os rebeldes, antecipando o estratagema dos norte-americanos quando do ataque aos navios ingleses em Boston, disfarçaram de índios os autores desse ato formal de desobediência.

Apesar do Bispo, D. Manuel Álvares da Costa, como Governador interino, haver aceitado, um pouco forçadamente, a capitulação dos olindenses e concedido perdão, confirmado pelo Governador Geral do Brasil D. Lourenço de Almeida e aprovado pelo próprio Rei de Portugal. D. João V, o novo Governador, chegado de Lisboa em 06.10.1711, Félix Machado de Mendonça, unido a dois magistrados: o ouvidor João Marques Bacalhao e o Juiz de Fora Paulo de Carvalho, aliados aos negociantes de Recife, pretextou um plano de ameaças à sua vida e ordenou uma devassa contra os revoltosos, a quem prendou, desterrou, puniu!

> " *Muitos moradores influentes se retiraram para os sertões. Vários deles acabaram nas cadeias de Lisboa*", diz Pedro Calmon, em sua História do Brasil. "*Matias Vidal de Negreiros andou fugido e, depois, fiado o perdão, foi preso e igualmente maltratado*" – Fernandes Gama, Memórias Históricas da Província de Pernambuco, citado pelo mesmo Calmon. E, ainda, "*O Sargento-Mor Matias Vidal de Negreiros, filho natural, porém legitimado, de André de Negreiros, é preso por motivos políticos. Evadindo-se da prisão, foi mandado no seu encalço João Ferreira Batista, Sargento-Mor de Infantaria, que lhe pôs cerco desde Lucena até a Bahia da Traição*".
>
> – Datas e Notas para a História da Paraíba, de Irineu Ferreira Pinta.

Matias Vidal foi provedor da Casa de Misericórdia de Goiana, 1695 a 1697, o que confirma sua residência naquela cidade. Havia levantado o Engenho Diamante – provavelmente o mesmo ainda hoje existente junto à cidade de Nazaré da Mata – em terra antes confiscada pelos holandeses, e recebeu do seu pai o Engenho Palha, de posição incerta. Embora João de Lyra Tavares, nos seus "*Apontamentos para a História Territorial da Paraíba*", não tenha citado a localização exata nem a data em que a obteve, faz, entretanto, constantes referências às "*Terras do Sargento-Mor Matias Vidal*", com quem confrontavam, por exemplo, a data número 110, n.17.11.1713, de Antônio Afonso de Carvalho e Manuel Rodrigues Tavares, a data número 123, de 09.10.1715, de João de Mendonça Vasconcelos e Manuel Luís de Vasconcelos, a data número 173, de 06.07.1720, de Domingos Dias Antunes, entre várias outras.

Borges da Fonseca (Antônio José Vitoriano, Ex-Capitão-Mor do Ceará, em sua "*Nobiliarquia Pernambucana*") informa que o Engenho Diamante foi concedido à sua filha bastarda, Feliciana Vidal de Negreiros, ao casar com Antônio Cavalcante de Albuquerque, filho de Jorge Cavalcante de Albuquerque e Maria Barros Abreu. Falecendo aquele, sem que houvesse filhos, Feliciana casou novamente com Álvaro Fragoso de Albuquerque, nascido de outro mesmo nome e de Isabel de Bulhões, e, por morte deste, terceira vez com Antônio Acioli de Vasconcelos, filho de Gaspar Acioli de Vasconcelos e Joana Fernandes César, filha de João Fernandes Vieira; quanto aos dois últimos casamentos não há notícia de herdeiros.

Em Goiana soube do testamento do Sargento-Mor Matias Vidal, celebrado em 13.05.1743 (mas não descobri a data do seu falecimento); ele se dizia filho de André Vidal e de Cristina dos Santos, e deixava umas terras em Itamaracá, um sítio nos Cariris e o Engenho Palha. Nada encontrei sobre sua possível consorte e descendência legítima...

Naquela cidade pude consultar vários autores, entre eles Mário Santiago (pseudônimo de Álvaro Guerra), compilador do "*Analecto Goianense*", depositário de muitos documentos sobre Goiana antiga, mas não pude conseguir registros paroquiais daquela época, não encontrando, assim, condições para acompanhar essa família.

Sei que André Vidal teve uma irmã, Isabel Ferreira de Jesus, casada com Lopo Curado Garro, fidalgo espanhol vindo como um dos Governadores de Pernambuco, ainda no tempo da dominação de Portugal pela coroa da Espanha. Estes tiveram um filho, Antônio Cural Vidal, Cavaleiro da Casa de Sua Majestade, da Ordem de Cristo, etc., que se uniu em matrimônio com Maria de Carvalho de Andrade, filha de Francisco Oliveira Lemos e Grácia de Carvalho de Andrade, aquele filho de Antônio de Oliveira e Mércia de Lemos, e esta nascida de Bernardinho de Carvalho e Joana Barreto, neta paterna de Fernão Dias de Andrade e Ângela Berenguer. Também deste casal a tradição reza que não tiveram filhos.

O licenciado Antônio Vidal Curado, sacerdote do hábito de São Pedro, obteve, em 03.08.1701, uma sesmaria junto ao Cabo Branco, vizinho às terras do seu irmão, Capitão Salvador Curado Vidal, e junto de outras que houvera por herança do seu pai, Mestre de Campo Antônio Cural Vidal, e do seu avô, Lopo Curado Garro, isso por concessão do Capitão-Mor da Paraíba, Francisco de Abreu Pereira. A transcrição dessa doação, "*encontrada no mesmo livro de João de Lyra Tavares*", deixa o desenvolvimento desse ramo colateral dos Vidais de Negreiros.



Com o passar dos anos, a devastação das florestas, o descaso e imprevidências de autoridades e proprietários, o braço do rio que permitia a existência de um porto em Goiana secou; após ingentes esforços da população e de algumas das lideranças foi cavado um canal para trazer, novamente, água ao porto de Goiana, mas também terminou por assorear e tornar-se obsoleto, face aos modernos meios de transporte.

Goiana orgulha-se de tradições de cultura e de esclarecimento político, e que a fez presente em todos os acontecimentos importantes da vida da Colônia, do Império e da República ocorridos na região. Também teve a sua revolução industrial e sua grande fábrica de tecidos; os engenhos transformaram-se em usinas, modernas e de grande produtividade. A cana-de-açúcar continua a ser cultivada intensa e extensivamente nos arredores, mas já não existe a nobreza ou burguesia devota que dedicava fortunas à construção e embelezamento das suas igrejas, nem os numerosos sacerdotes que se prestavam diariamente ao culto.

Distando cerca de 60 quilômetros de Recife e aparecendo com cerca de 60 mil habitantes no último censo, Goiana é servida pela BR 101, e oferece aos turistas algumas praias pitorescas, fora do âmbito da cidade propriamente dita. É, ainda, uma das cidades de porte médio de relativa significação no contexto econômico de Pernambuco, mas deixou de ser um centro dinâmico de difusão de progresso como naquele idos dos primeiros séculos de vida brasileira.

É submetida canonicamente à Diocese de Nazaré da Mata, urbe menor e de idade menos provecta, mas ainda exerce certa preponderância sobre os municípios próximos, como Aliança, Timbaúba e, mesmo, També, cuja matriz foi herdeira principal de André Vidal!

III. O Primeiro Andrade que veio ao Ceará

Da exposição do capítulo anterior podem-se destacar vários itens que indicam um relacionamento entre André Vidal e sua família com os ANDRADES de então:

1. Sua mãe, Catarina Ferreira, era natural de São Miguel, ilha do pequeno arquipélago da Madeira, onde eram grãos senhores os ANDRADES do Arco da Calheta;
2. João Fernandes Vieira, parceiro de Vidal, foi madeirense e, ao querer ligar-se à nobreza de Olinda, casou com uma Andrade;
3. Sucessor de André Vidal no governo do Maranhão, encarregado de liquidar a revolta dos fazendeiros que não admitiam a proteção do antigo Governador e dos Jesuítas aos índios, foi Gomes Freire de Andrade;
4. O Sargento-Mor Matias Vidal serviu no Rio Grande do Norte sob a direção de Agostinho César de Andrade;
5. Antônio Curado Vidal casou com uma Andrade;
6. João de Andrade foi detentor de sesmarias na Paraíba na mesma região em que as tinham Matias Vidal e André...

É possível que esses eventos sejam destituídos de maior significação, porém, é indubitável a existência de um João de Andrade Falheiros, casado com Isabel Vidal de Negreiros, cujos antepassados não logrei identificar objetivamente, mas que residiam em Goiana por volta da época em que ocorriam as perseguições consequentes a Guerra dos Mascates.

O conhecimento desses nomes e domicílio veio-me, inicialmente, através de indicação do Dr. Edmar da Costa Barroso, meu primo pelo lado paterno, há muitos anos, enfronhado em pesquisas genealógicas e possuidor de vastos conhecimentos na matéria. Por outro lado, essa indicação foi confirmada pela brilhante reputação de José Pedro Soares Bulcão, provavelmente o mais profundo especialista em história das famílias do Ceará antigo. Também encontrei referências ao Sargento-Mor João de Andrade na relação das sesmarias da Paraíba, compilada por João de Lyra Tavares, nos "*Apontamentos para a História Territorial da Paraíba*".

Numerada como 19, de 05.08.1700, e conhecida pelo Capitão-Mor Francisco de Abreu Pereira, houve a concessão de duas léguas de comprido por uma de largo, pelo rio das Piranhas até o da Vaca Morta, a cada um de dez requerentes, entre eles o Capitão Bento Correia Lima e o Sargento-Mor João de Andrade. Este mesmo Sargento-Mor, em 08.01.1704, conseguiu, no governo de Fernando de Barros e Vasconcelos, nova doação, de três léguas de comprimento por uma de largura, num riacho fronteiro a Serra do Patú, começando no poço d'água que o gentio chamava Ocuá, para cima.

Por último, minhas pesquisas pessoais fizeram aparecer em livros de batizados e casamentos, tanto das mais antiga freguesia do Ceará com das criadas em sequência, referências expressas à condição de progenitores do primeiro Andrade da nossa estirpe que aquele casal ostenta.

Esse primeiro Andrade do Ceará chamava-se, de fato, Matias Vidal de Negreiros (Não o primeiro, Sargento-Mor, evidentemente), e dele Soares Bulcão dizia ser sobrinho-neto de André Vidal.

O nome da nossa sexta-avó, Isabel, faz lembrar o da irmã do herói paraibano, sendo possível que nosso relacionamento prenda-se ao casal Lopo Curado Garro e Isabel Ferreira de Jesus, através de um irmão ou irmã do cavaleiro Antônio Curado Vidal, de quem um parente também veio para o Ceará (e para as proximidades dos Andrade), pois encontrei entre os batizados de Amontada o de filhos de um Lourenço Curado Vidal.

Analisando-se, por sua vez, o nome de João de Andrade Falheiros, constata-se, inicialmente, que o último sobrenome aparecia várias vezes como Falleiros ou Faleiros, conforme sucederam com personagens provavelmente seus aparentados: Gonçalo da Costa Falleiros recebeu 03 léguas de terra na ribeira do Mossoró, do Capitão-Mor do Rio Grande, em 05.06.1708 (sesmaria vinda a lume na documentação referente à questão de limites entre o Ceará e seu vizinho), e Luís da Costa Faleiros funcionou como meirinho geral no processo movido pelo Ouvidor Alexandre de Proença Lemos, em 1754, contra Jerônimo Mendes da Paz, responsabilizado pela aventura das improdutivas minas de ouro do Cariri.

Esse sobrenome revela ascendência castelhana e, por ser o último, indica ser o da linhagem materna, como ainda hoje é costume entre os povos de língua espanhola. Aliás, a omissão do Falheiros nas sesmarias referidas confirma que Andrade era o sobrenome preponderante.

Entretanto, tenho elementos para supor que Andrade também não seria o nome do seu pai, ligando-o, talvez, aos avós, como procurarei explicar. Vendo como entre seus descendentes apareceram tantos Correias Limas, tenho que este era o usado por seu pai, sendo provável que alguns dos colonizadores do antigo Riacho Quimami ou Podimirim, hoje conhecido como dos Porcos, citados pelo Professor Joaquim Alves, em trabalho intitulado "***O Vale do Cariri***", publicado na Revista do Instituto do Ceará, n.1945, fossem seus irmãos.

Diz aquele historiador que foram pernambucanos de Goiana (e salienta que esta ainda pertencia à Capitania de Itamaracá), os primeiros habitantes brancos do vale que ocupa o sul do Ceará, fazendo notar entre eles o Capitão Bento Correia Lima e seu irmão Semeão Correia Lima.

Ora, o nosso Matias Vidal teve um irmão com esse nome, assim como um filho, sobrinhos e netos. Além disso, o Capitão Bento Correia Lima foi, na Paraíba, como o Sargento-Mor João de Andrade, um dos sesmeiros do Título Número 19, de 05.08.1700, já citado...

O Doutor Vinícius Barros Leal, outro ilustre genealogista cearense, adiantou-se que João de Andrade Falheiros deveria ser filho de José Correia Lima, que gozou autoridade em Sergipe d'El Rei (como era chamada aquela região); este, por sua vez, seria descendente de Semeão Correia Lima, fidalgo da Casa Real, Governador de Sergipe em 1594, do qual se sabe que foi convocado a depor perante a Santa Inquisição, possivelmente acusado de práticas judaizantes, embora fosse neto de Fernão Correia Lima, um dos primeiros povoadores de Sergipe, o qual tinha como avô a Leonel de Lima, Visconde de Vila Nova de Cerveira, em Portugal (Vila Nova de Cerveira fica praticamente na fronteira com Galiza, na margem esquerda do Minho, rio que separa esta de Portugal).

Tendo encontrado que Matias Vidal, o nosso, era filho de João de Andrade Falheiros e Isabel Vidal de Negreiros, sendo natural de Goiana, depositei na possibilidade de evidências constantes dos livros dessa freguesia a esperança de via a conhecer mais detalhes sobre os mesmos, mas essa esperança ruiu por terra ao verificar que na Secretaria da Paróquia daquela cidade só existem livros de data posterior a 1800, inexistindo registros de óbitos antigos. Nem em Nazaré da Mata (sede da respectiva diocese) estão depositados os veneráveis cartapácios onde deviam figurar casamentos, batizados e mortes dos nossos mais antigos parentes!

Parece que D. Carlos Gouveia Coelho, 2º Bispo de Nazaré, encontrando-os já muito danificados nos arquivos de Goiana, tê-los-ia conduzido para sua sede, onde esperava poder reconstituí-los, dar-lhes nova encadernação e conservá-los melhor; como faleceu logo após e seus dois seguintes sucessores, D. João de Souza Lima e D. Manuel Pereira da Costa tiveram fugaz permanência naquela Sé, os livros em vias de dissolução desapareceram por completo, sendo possivelmente lançados ao lixo como papel velho, nas sucessivas mudanças da residência do bispo. Hoje, no modesto Palácio Episcopal de Nazaré, o livro mais remoto que encontrei é da época da instalação da diocese, em 1918!



A análise dos livros de Goiana, Nazaré da Mata e Tracunhaém (um, desta última freguesia, foi o mais idoso em que pus os olhos, sendo referente a 1828), o que não fora, entretanto, inteiramente em vão; constatei como a família Andrade era numerosa por aquelas bandas: logo nas primeiras páginas do livro de casamentos mais antigo de Goiana encontrei registros relativos a Luís de Andrade Lima, Joaquim José de Andrade, Inácio de Andrade, Cândida Francisca de Andrade, Manuel Correia de Oliveira Andrade, José Pereira de Andrade, Manuel Freire de Andrade, José Peixoto de Andrade, Antônia da Piedade Andrade, Sabino Vicente de Andrade...

No exíguo espaço de tempo entre 1835 e 1846 encontrei quatro sacerdotes com o nosso nome ministrando sacramentos: Padre Martiniano Pereira Correia de Andrade; Padre José Joaquim Camelo de Andrade; Padre Luís Inácio de Andrade Lima; Padre Francisco Freire de Andrade.

No livro de batizados de Nazaré, em 1833, 1834 e 1835 encontrei: um Manuel Gomes Faleiro, um Manuel Freire de Andrade, um Vicente Ferreira de Andrade, um Joaquim José de Andrade, um Francisco de Paula Norberto de Andrade e um Padre Manuel dos Reis Curado. No citado livro de Tracunhaém, sem capa, estragado pela umidade, também encontrei alguns exemplos de pessoas que traziam nosso sobrenome, provando o quanto ele era comum, embora não vulgar.

Aliás, ainda hoje existe ANDRADES sem conta por toda aquela área nordeste de Pernambuco e sudeste da Paraíba: vizinho ao hotelzinho onde fiquei hospedado em Goiana há uma "*Casa Andrade*"; o dono da pensão onde dormi em Nazaré chama-se Antônio de Andrade Lima, e o diretor do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira, da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife – instituição onde poderiam ser localizados documentos da época que tentei reconstruir – é o Professor Manuel Correia Andrade!

Esvaindo-se a expectativa de fazer recuar para tempos mais remotos a linha conhecida dos nossos antepassados, posso afirmar que a primeira geração a ser apresentada conta com o Sargento-Mor João de Andrade Falheiros e seus prováveis irmãos Correia Lima; ele foi soldado, deve ter participado das campanhas da época, vindo a introduzir-se na família Vidal (ou teria sido conquistado por um engenho?); provavelmente teve sua parte na mesma perseguição que alcançou o primeiro Matias, a quem homenageou ao batizar com esse nome um dos seus filhos.

Aliás, a transferência de alguns desses para o Ceará bem poderia ser um busca do "*Sítio nos Carirís*", citado no testamento do Sargento-Mor Matias Vidal, assim como de sobras das sesmarias (da família "*Correia Lima*") no "*Riacho Quimami*"!

Entretanto, esse sítio nos Carirís poderia ser a sesmaria do Paraíba, confrontante com as referidas no capítulo anterior e chamadas "*Terras dos Matias Vidal*", pois também certas áreas da Borborema eram chamadas de Cariris. Aliás, após determinada época, começaram a aparecer nas descrições das áreas concedidas pelos governadores da Paraíba umas "*Terras dos ANDRADES*", que não pude localizar...

Soares Bulcão, em um dos seus escritos, declara que João de Andrade teve oito filhos, dos quais três vieram para o Ceará, cumprindo o roteiro descrito por Pedro Calmon: "*retiraram para os sertões*" perlongando toda a extensão de Pernambuco, vencendo as elevações do chapadão do Araripe e buscando terras inexploradas do baixo Jaguaribe.

Matias Vidal de Negreiros (o segundo) é, dos filhos daquele patriarca e componentes da segunda geração, o que mais nos interessa; nascido em Goiana, provavelmente entre fins do século XVII e princípios do XVIII, veio a casar na localidade então conhecida por Caatinga dos Góes, depois denominada Vila da União e, por último, cidade de Jaguaruana. O casamento ocorreu em 1728, sendo a escolhida a moça Clara de Araújo Sampaio, natural do Pajeú, pertencente à grande família Sampaio, ainda hoje habitando o nosso Cariri e as vizinhas regiões de Pernambuco.

Clara era filha de Brás Correia de Araújo e Ana da Rocha Sampaio, e irmã de Bernarda Correia de Araújo, primeira mulher do Capitão Gabriel Cristóvão de Menezes, f.1752, deixando inúmeros filhos. Este casou segunda vez, com Rosa de Santa Maria Lins, pela qual veio a ser trisavô do grande genealogista Soares Bulcão.

Foi no vale médio do Jaguaribe que nasceram os filhos de Matias e Clara, na área jurisdicionada pela freguesia de São Bernardo das Russas. Outro filho de João de Andrade teve o mesmo nome do herói paraibano, André Vidal de Negreiros; consorciou-se com Ana Rocha (escreviam Roxa) Maciel e veio a residir nos sertões do Banabuiú, onde foi protagonista principal, ou vítima, de um evento fatal cuja lembrança vive na memória dos ANDRADES, inteiramente deturpada.

O terceiro filho conhecido foi Semeão Correia Lima, como seu antepassado, tendo sido, ao que parece, Tenente-Coronel de Cavalaria da Várzea do Jaguaribe (se é que este não foi o título do seu tio, sesmeiro no Riacho dos Porcos), e casando com outra Ana, de Oliveira Maciel.

Deste e dos seus tios, grandes proprietários do Cariri, é que devem provir os inumeráveis "***Correias Limas***" do sul e de todo o interior do Ceará. Os "*Apontamentos para a História Territorial da Paraíba*" sugerem a existência de um quarto provável membro dessa segunda geração: a sesmaria número 91, de 21.11.1710, de terras entre o Riacho Cacharé e o Riacho Sabugí, concedida no governo de João Maia Gama, destinava-se a Matias Vidal de Negreiros (seria o nosso?) e a José Vidal de Negreiros. Embora época fosse vivo o Sargento-Mor Matias, filho de André, por uma parte não se lhe conhece irmão chamado José, e por outra não deixaria de lhe citar a patente!



Quer dizer: tudo leva a crer que o nosso sobrenome Andrade vem de ligações com os ANDRADES do Arco da Calheta (povoação de certo porte do concelho da Calheta, a oeste da ilha da Madeira), através, talvez, dos Berenguer de Andrade, nascidos nessa ilha. Seríamos, talvez, ramo mais modesto dessa raça multissecular e fidalga, originária da Galiza e, em idade mais remota, ainda, da França.

O escritor Raimundo Girão, em ensaio sobre a "*Onomástica da Academia*", interpretando os apelidos dos seus confrades da Academia Cearense de Letras, dizia que "*Andrade é sobrenome de antecedente nobre, e provém do grego* ***androdes****, viril, robusto, corajoso, tal como provém André, nome do apóstolo irmão de São Pedro. Explicar-se-ia por um genitivo medieval –* ***Andrati***".

O Lima vem da família "***Correia Lima***", gerados por primitivos colonizadores de Sergipe, com passado de nobreza e alguns traços de judaísmo. Aliás, o nome vem de um rio situado na província mais setentrional de Portugal, junto à Galiza, nascendo no território desta e entrando naquela junto ao Castelo de Lindoso. Percorre cerda de 100 quilômetros e deságua no Atlântico junto à cidade de Viana do Castelo. Esse nome é mais uma aproximação com os ANDRADES históricos.

> *" A sugestão de judaísmo vem do pretenso episódio do comparecimento de Semeão Correia Lima, o antigo, à presença da Inquisição, e justificaria os narizes aduncos de alguns velhos da nossa tribo. Aliás, sobre o assunto, cumpre esclarecer que Sebastião José de Carvalho e Melo, o famigerado Marquês de Pombal, aconselhava D. José I a não aprofundar muito os inquéritos sobre judaísmo, pois poucas famílias portuguesas estariam isentas de certa dosagem de sangue semita".*

Isabel Vidal de Negreiros deve ter sido neta de Isabel Ferreira de Jesus e Lopo Curado Garro, por uma filha não nomeada, irmã do cavalheiro Antônio Curado Vidal. Não é absurdo pensar num parentesco com João de Andrade, pelos seus lados castelhanos!

Sem termos identificado, passo a passo, as nossas ligações com aqueles personagens históricos, podemos, apesar disso, orgulharmo-nos dos seus desempenhos no palco da vida e cultua-los como nossos ancestrais! O sobrenome Andrade é, claramente, carregado de história, arcaísmos e nobreza; o Vidal de Negreiros, de existência mais recente, embora possa ser mais proximamente reclamado pelos nossos parentes que ainda hoje o ostentam, no vale do médio Jaguaribe, no sertão do Quixeramobim, no sopé da Uruburetama, ou nas ruas de Fortaleza, talvez em outras grandes cidades, como sertanejos rudes ou citadinos polidos, vale bem uma recomendação de dedicação, heroísmo e grandeza!

IV. O Andrade que matou o cunhado

Vários parentes idosos repetiram-me a versão que ouviram dos seus pais: o primeiro Andrade chegou ao Ceará numa mudança apressada e forçada (*o que coincidiria com a hipótese de expatriação após a Guerra dos Mascates*), vindo de Pernambuco. No vale do Jaguaribe arranchou-se em uma fazendo cujo dono era solteiro; com o Andrade vinham várias das suas irmãs, das quais uma atraiu a simpatia do hospedeiro.

O fazendeiro, depois de dias de permanência dos visitantes, quando estes queriam deixar sua casa para procurar pousada definitiva, manifestou ao chefe do grupo seu interesse em casar com uma das moças e também o convidou para continuar a residir com ele, naturalmente auxiliando-o no trabalho e participando do rendimento da propriedade.

O Andrade tornou-se, assim, cunhado do criador e interessado no seu negócio, inclinando-se a adotar esse gênero de vida, assumido por todos os colonizadores de então do sertão cearense.

Sucedeu tempos depois, que certo dia, estando sua irmã ocupada em trabalhos caseiros (*houve quem me dissesse que ela fazia renda e que foi o ruído provocado pelo choque dos bilros que a impediu de ouvir a voz do marido*), seu cunhado aproximou-se tangendo uma ponta do gado, que desejava prender no curral, ao lado da residência. Deveria estar cansado e acalorado pela luta para reunir as reses, e a manada cruzou o terreiro, perdendo-se na extensão da várzea, do outro lado.

Encolerizado, o fazendeiro dirigiu palavras ofensivas à mulher, acabando por agredi-la com o chicote que conduzia à mão. O Andrade, presente, não suportou a desconsideração, reagiu violentamente, concluindo por matar o cunhado, após o que, levando as demais irmãs, deslocou-se em busca de outros lugares, não sendo perturbado, naqueles tempos rudes e despoliciados, por seu ato impulsivo.

Ele havia feito – ao pai? À mãe? A si, próprio? – o juramento de só assumir estado após casamento de todas as irmãs e terminou por conseguir o intento, pois, havendo contratado matrimônio para o mesmo dia que a última moça, exigiu que o padre abençoasse primeiro o outro casal, para ficar devidamente acobertado quando à sua promessa.



Como se viu foram os ANDRADES – (aliás, Vidais de Negreiros – Correias Limas) – que vieram de Pernambuco. É possível que trouxessem irmãs, que João de Andrade teve maior número de filhos.

Embora eu não tenha encontrado menção a elas, isso não que dizer quem não viessem, procurando casamentos no novo meio. Bulcão – meu oráculo na matéria – não fala nelas, porém é possível que acompanhassem os irmãos ou, mesmo, um deles, isoladamente, já que podem ter vindo um a um.

Porém, encontrei na documentação e crônica consultadas, notícia de um crime, relacionado com os primeiros ANDRADES (ou Vidais), mas essa me surpreendeu desagradavelmente: *o Andrade é que foi assassinado!*